

# RELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E SATISFAÇÃO DE VIDA DE CASAIS COM E SEM FILHOS

## RELATIONSHIP BETWEEN COUPLES SELF-ESTEEM AND LIFE SATISFACTION WITH AND WITHOUT CHILDREN

Helder Henrique Viana Batista<sup>1</sup>

Nayane Martoni Piovezan<sup>2</sup>

Luana Comito Muner<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente estudo objetivou investigar a relação entre a autoestima e a satisfação de vida, buscando identificar se o número de filhos está relacionado a essas variáveis e se há diferença quanto à frequência à igreja, nível de escolaridade, sexo, tempo de casado e faixa etária. A amostra foi composta por 30 pessoas, sendo 15 casais com faixa etária entre 25 e 60 anos, participantes de uma comunidade religiosa católica. Foram aplicadas coletivamente a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), a Escala de Satisfação de Vida (ESV) e um questionário sociodemográfico. Não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas para os construtos em relação às variáveis de interesse. No entanto, casais com seis ou sete filhos obtiveram maiores índices de autoestima e participantes com 55 anos ou mais apresentaram maior satisfação com a vida. A correlação entre os construtos não foi significativa estatisticamente.

Palavras-chave: Bem-estar Subjetivo. Autoestima. Avaliação Psicológica. Afetos.

### ABSTRACT

This study aimed to investigate the relationship between self-esteem and life satisfaction, seeking to identify the number of children is related to these variables and there is difference in church attendance, level of education, sex, married time and age. The sample consisted of 30 people (15 couples), aged between 25 and 60, participants in a Catholic religious community. The Rosenberg Self-Esteem and Life Satisfaction Scales were collectively applied and a sociodemographic questionnaire. Were identified no statistically significant differences in the constructs among the variables of interest. However, couples with 6 or 7 children had higher levels of self-esteem and participants aged 55 or more had higher life satisfaction. The correlation between the constructs was not statistically significant.

Keywords: Subjective Well-being. Self-Esteem. Psychological Evaluation. Affections.

---

<sup>1</sup> Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco (USF). *E-mail*: helder.hvb@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade São Francisco e professora convidada na mesma instituição de ensino. Professora assistente da FAE Centro Universitário. *E-mail*: nayane.piovezan@usf.edu.br

<sup>3</sup> Mestra em Psicologia pela USF e psicóloga hospitalar na Secretaria de Estado da Saúde de Roraima. *E-mail*: lumuner@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A autoestima é um construto psicológico que está relacionado com outros, como o bem-estar, o autoconceito (SBICIGO; BANDEIRA; DELL'AGLIO, 2010) e a qualidade de vida (HUTZ; ZANON, 2011), sendo um vasto campo de investigação da psicologia da personalidade. Isso porque a autoestima é compreendida como o conjunto de pensamentos e sentimentos que uma pessoa tem de si, de como enxerga o seu valor, suas competências e adequação – fatores que podem desencadear atitudes boas ou ruins, positivas ou negativas. O ponto fundamental desse conceito é o aspecto valorativo, ou seja, a maneira como a pessoa se valoriza a faz estabelecer metas, valorizar as outras pessoas, criar expectativas e projetos para o futuro, bem como aceitar a si mesma (SBICIGO; BANDEIRA; DELL'AGLIO, 2010).

Segundo Hutz e Zanon (2011), a autoestima tende a se tornar estável ao longo do tempo, sobretudo na vida adulta, independentemente dos contextos. Ou seja, quanto maior o escore de autoestima do indivíduo, mais associado ao humor positivo, à boa saúde mental, ao bem-estar e às habilidades sociais estará esse sujeito, também sendo associada a bons relacionamentos interpessoais e desempenhos acadêmicos. Em contrapartida, quanto menor o escore de autoestima, maior a associação com sentimentos ruins e depressivos e percepção de incapacidade, delinquência (sobretudo na adolescência), ansiedade, ideação suicida, transtornos mentais, agressão e comportamentos antissociais (HUTZ; ZANON, 2011; SBICIGO; BANDEIRA; DELL'AGLIO, 2010).

Mundialmente falando, a autoestima é avaliada por meio de diversos instrumentos, sendo que a Escala de Autoestima desenvolvida por Rosenberg (1989) é o instrumento mais conhecido, com tradução para 28 idiomas e difundido por 53 países. Trata-se de um instrumento capaz de classificar a autoestima em níveis alto, médio e baixo. Altos níveis de autoestima estariam ligados ao autojulgamento de valor, competência e confiança em si; baixos níveis expressariam sentimentos de inadequação, incompetência, incapacidade de enfrentar desafios e níveis médios de autoestima indicariam uma oscilação entre o sentimento de rejeição e aprovação de si mesmo (SBICIGO; LISBÔA, 2010).

O estudo de Hutz e Zanon (2011) visou produzir normas de autoestima para crianças, adolescentes e adultos, bem como atualizar as propriedades psicométricas da Escala de Autoestima de Rosenberg, adaptada por Hutz em 2000.

Participaram do estudo 1.151 estudantes de ambos os sexos, do ensino fundamental, médio e superior da região sul do Brasil, com idade entre 10 e 30 anos, respondendo à escala coletivamente em sala de aula. Por resultados, o estudo encontrou a existência de uma correlação negativa entre a autoestima e a idade, sendo que, na faixa etária dos 16 aos 19 anos, a diferença entre homens e mulheres foi significativa, sendo que os homens apresentaram maior autoestima que as mulheres. Os autores revelam que a diferença de autoestima em homens e mulheres tem sido objeto de estudos ao longo das décadas e parece existir percepções diferentes de autoestima em homens e mulheres, uma vez que os primeiros teriam a autoestima influenciada por realizações e pelo sucesso, ao passo que as mulheres teriam a autoestima influenciada pelos relacionamentos que estabelecem e pela autoimagem corporal. Contudo, os autores concluem que analisar as diferenças de autoestima conforme o sexo é um processo delicado, de tratamento cauteloso e contextualizado.

No entanto, apesar de estudos apresentarem bons índices de consistência interna, ainda existem muitas controvérsias sobre o conceito, afinal, ele pode ser visto de maneira multidimensional, de forma que os contextos (social, escolar, profissional, familiar etc) podem ter diferentes visões do indivíduo sobre o próprio

eu, ou seja, no âmbito profissional o indivíduo pode se ter uma visão positiva de si, enquanto no âmbito familiar talvez não se veja de maneira tão positiva. Nesse sentido, focar somente no aumento da autoestima seria insuficiente, sendo necessário garantir condições para um adequado desenvolvimento humano, como senso de segurança e ajustamento social, estes contribuiriam para o aumento da autoestima (COSTA; PEREIRA, 2007; SBICIGO; BANDEIRA; DELL'AGLIO, 2010).

Este estudo não tem o foco na autoestima de maneira isolada, mas considera aspectos da satisfação de vida. A **satisfação** é uma das áreas estudadas pelo Bem-Estar Subjetivo (BES), que, por sua vez, é compreendido como a forma que as pessoas avaliam a própria vida, como e porque as pessoas experienciam suas vidas de maneira positiva, além disso, possuiria como componentes: a cognição – ligada aos aspectos intelectuais e racionais – e o afeto – ligado às emoções (GIACOMONI, 2004).

Sobre a satisfação, Glatzer (1987 apud COSTA; PEREIRA, 2007) compreende-a em níveis de expressão diferentes: a satisfação com a vida em geral; satisfação com todo um domínio da vida (por exemplo, satisfação com a família ou satisfação no âmbito profissional); ou ainda satisfação com determinados aspectos de um domínio (satisfação como pai de família por conseguir dar atenção aos filhos e ajudá-los com lições escolares, por exemplo).

Como indicado por Joia, Ruiz e Donalísio (2007), definir o fenômeno satisfação torna-se difícil por se tratar de um estado subjetivo. Dessa forma, o que melhor definiria esse fenômeno é a compreensão de que se trata da experiência vivenciada pelo indivíduo em relação às várias condições humanas, ou seja, é um julgamento cognitivo de alguns aspectos da vida, a saber, saúde, educação, trabalho, condições de moradia, relações sociais, vida conjugal, autonomia e outros. Sendo assim, trata-se de um julgamento e avaliação do sujeito sobre a própria vida de maneira geral conforme um critério próprio.

O julgamento da satisfação de vida é estabelecido pelo indivíduo por sua visão particular aliado a um padrão pré-estabelecido, seja por ele ou pela sociedade. De certa forma, a satisfação de vida reflete em uma parte do BES individual: modos e motivos que levam as pessoas a terem uma vivência positiva de suas experiências (JOIA; RUIZ; DONALÍSIO, 2007).

É importante considerar que da mesma forma que a autoestima (alta ou baixa) pode desencadear atitudes boas ou ruins, a satisfação de vida pode desencadear emoções negativas ou positivas. Geralmente, as pessoas aumentam seu nível de BES fazendo comparações com pessoas em condições inferiores ou superiores em relação a elas mesmas, em alguns casos criam uma pessoa imaginária na qual visa alcançar seus objetivos por meio de comparações (COSTA; PEREIRA, 2007).

Pesquisas foram realizadas a fim de explorar o contexto em que as pessoas se encontram, considerando variáveis como o sexo, grau de escolaridade, faixa etária, frequência em encontros religiosos, vivências no trabalho, no contexto familiar, e outros, para entender melhor seu BES. Dessa forma, Souza, Rache e Sachuk (2013) tiveram por objetivo avaliar a relação entre o comprometimento organizacional e a satisfação com o trabalho de funcionários de um hospital privado do Estado do Paraná. Os autores ressaltam em seus resultados que a satisfação com o trabalho pode aumentar segundo a natureza das tarefas e o grau de escolaridade do funcionário, ou seja, quanto maior o nível educacional apresentado pelos participantes, maior foi a satisfação desses com a natureza de seu trabalho, com as tarefas exercidas. Marcão (2008) também reflete sobre a relevância da escolaridade e a satisfação, no entanto, a autora o faz considerando a satisfação conjugal. Em sua pesquisa, a autora aponta que a escolaridade e a proximidade conjugal caminham em sentidos opostos, ou seja, quanto maior a escolaridade menor a proximidade conjugal e vice e versa. No entanto, quanto

maior escolaridade, maiores são índices de vinculação afetiva ao cônjuge e também de satisfação conjugal (MARCÃO, 2008).

O bem-estar subjetivo possivelmente não se altera conforme a idade, todavia, pode vir a declinar quando se consideram aspectos econômicos, saúde e situação conjugal (RESENDE et al., 2007). Em sua pesquisa, Resende et al. (2007) encontraram altos índices de satisfação com a vida em 83% de uma amostra composta por 90 participantes na faixa etária entre 25 e 85 anos, de forma que os mais idosos se percebem mais satisfeitos com a vida que os mais novos. Os autores refletem que essa diferença possivelmente exista pelo fato das gerações mais novas serem mais exigentes que as mais velhas.

Neste estudo, pretende-se considerar o número de filhos na relação com esse construto. É mais comum que o número de filhos seja considerado em pesquisas que investigam a satisfação conjugal e, assim, são escassas as pesquisas que tenham sido realizadas com esse mesmo objetivo, independentemente da população investigada. Considerando essa lacuna, serão descritas investigações sobre autoestima e satisfação com a vida ou o que, apesar de explorar construtos próximos, como a satisfação conjugal, levaram em conta o número de filhos.

Sbicigo e Lisbôa (2010) desenvolveram um estudo cujo objetivo foi verificar a relação entre as habilidades sociais e satisfação conjugal em 25 casais (n=50), com faixa etária entre 23 e 69 anos, e tempo de união entre 7 e 40 anos. Para tal, foram utilizadas duas escalas: a Escala de Satisfação Conjugal e a Escala Multidimensional de Expressão Social – Parte Cognitiva. Além disso, um questionário sociodemográfico. Os resultados desse estudo demonstram a existência de uma correlação significativa e alta entre a pontuação do casal em cada instrumento. Os homens apresentam-se como mais satisfeitos com a união conjugal conforme o aumento do número de filhos. Sendo assim, a relação encontrada entre os escores de habilidades sociais e satisfação conjugal dos membros do casal, sugere que, quando um dos membros apresenta mais habilidades sociais e satisfação com o casamento, maior é a possibilidade de que seu companheiro(a) também perceba da mesma forma.

Os homens apresentaram-se como mais satisfeitos com a união conjugal conforme o número de filhos parece ser corroborado, ao menos em partes, com os achados de Krob, Piccinini e Silva (2009), uma vez que os autores apontam em seu estudo que na primeira gestação os homens participantes da pesquisa apresentaram sentimentos ambivalentes de ansiedade, alegria, disponibilidade emocional e conflitos. Após o nascimento das crianças foi comum encontrar participantes que se viam otimistas em relação às mudanças que o advento de um filho acarretou: mudanças no lazer e horários, maior disponibilidade para a criança, auxílio à esposa nas atividades domésticas etc.

Em contrapartida, outros participantes acreditavam que surgiriam mudanças nas relações com a esposa, visto que ficariam em segundo plano por conta da criança, e dificuldade de adaptação em relação aos cuidados com o bebê. Os resultados deste estudo indicam que, no segundo mês de gestação, os pais, em geral, apresentaram sentimentos positivos em relação à paternidade, além de grande satisfação.

A influência da raiva e da expressão de empatia na satisfação conjugal foi o alvo da pesquisa realizada por Ribeiro, Pinho e Falcone (2011): 120 pessoas casadas, sendo que 60 homens e 60 mulheres com idades de 25 a 76 anos residentes no Estado do Rio de Janeiro responderam ao Questionário de Empatia Conjugal, ao Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço e à Escala de Satisfação Conjugal. Foi verificada a correlação positiva entre empatia conjugal e satisfação conjugal, ao passo que há uma correlação negativa

entre a raiva e a satisfação conjugal; ou seja, a raiva disfuncional diminui a satisfação conjugal, já a empatia aumenta a satisfação conjugal. O número de filhos afetou negativa e significativamente a satisfação e a interação conjugal. No que se refere à satisfação conjugal, os homens se declararam mais satisfeitos com a interação conjugal e com os aspectos estruturais do casamento. Os autores concluíram que a empatia repercute positivamente sobre a satisfação conjugal, tornando-se uma espécie de mediadora, afinal, atua de forma a aumentar as interações positivas entre os casais e reduz o impacto de emoções negativas, tais como a raiva.

O estudo de Sardinha, Falcone e Ferreira (2009) teve por objetivo analisar o quanto a percepção das habilidades sociais do cônjuge pode interferir na satisfação de um indivíduo com seu relacionamento conjugal em uma amostra composta por 50 casais ( $n=100$ ) do Rio de Janeiro, com idades entre 29 e 69 anos e tempo de união entre 7 e 38 anos. Para tanto, os autores utilizaram-se da Escala de Satisfação Conjugal, Inventário de Habilidades Sociais Conjugais, Questionário de Empatia Conjugal e um questionário sociodemográfico. Os resultados da pesquisa revelaram que as habilidades sociais, como a empatia, interferem significativamente na interação conjugal, sendo que os homens percebem as mulheres como mais empáticas. Além disso, o número de filhos afetou negativa e significativamente a satisfação conjugal.

Ferreira et al. (2014) ressaltam que a infertilidade pode interferir muito na vida do casal: mulheres inférteis tendem a apresentar menor autoestima e níveis altos de ansiedade, ao passo que os homens apresentam melhor adaptação diante desse contexto. Todavia, quando a infertilidade é masculina, tanto homens quanto mulheres relatam níveis maiores de estresse, segundo os autores, talvez por conta do estigma social que isso acarreta, afetando a autoestima do homem. Tal estudo parece justificar o que foi abordado anteriormente sobre a relevância do contexto em que as pessoas estão inseridas e o nível de autoestima.

A autoestima na relação conjugal é importante, afinal, de acordo com Miranda (1987), juntamente com a percepção e a escolaridade, a autoestima é a variável que mais se correlaciona com a satisfação conjugal. Apesar de existirem diferenças entre os sexos, períodos do ciclo vital e estabelecimento de relações sociais em relação a essa variável, geralmente as mulheres têm índices de autoestima mais baixos que os homens (RODRIGUES et al., 2014; ANTUNES; MAZO; BALBÉ, 2011; FAÇANHA et al., 2010; SANTOS; MAIA, 2003); gestantes com baixa escolaridade tendem a apresentar baixa autoestima quando comparadas com as que possuem maiores níveis de escolaridade (MAÇOLA; VALE; CARMONA, 2010; DIAS et al., 2008); a faixa etária pode interferir na autoestima por conta de padrões estéticos (BARROS; MOREIRA, 2015; FONSECA et al., 2014; ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011; RESENDE et al., 2007); a espiritualidade pode aumentar a autoestima e ser um recurso para enfrentamento em situações de ideações suicidas (BENUTE et al., 2011).

A literatura científica diverge sobre a questão da autoestima e satisfação de vida em homens e mulheres conforme o contexto. Sposito et al. (2010) encontraram em seus estudos que, no contexto de saúde, os homens apresentaram maior satisfação com a vida do que as mulheres, talvez pela intensidade com que estas vivenciam os afetos, o que poderia interferir na satisfação com a vida. Por outro lado, Martins et al. (2007) não encontraram diferenças conforme o sexo ou local de habitação (rural ou urbano) e a qualidade de vida de idosos. Dias (2009) aborda a questão da autoestima como um fator importante na autoimagem da mulher, sendo que à medida que a autoestima dela diminui, a sua satisfação conjugal e sexual podem diminuir na mesma proporção. Nesse sentido, é preciso pensar o desenvolvimento da autoestima aliado a diversos fatores, tais como: segurança, saúde e lazer, compreendendo que o ser humano é um ser holístico: biopsicossocial.

Rosenberg (1986) ressalta que o sentimento de valor que a pessoa tem por si mesma causa o bem-estar, sendo que este é resultado das experiências vivenciadas, que podem ser positivas ou negativas, na medida em que ajudam outras pessoas, constroem novas aprendizagens e enfrentamentos de desafios. Antunes (2006) aponta que o indivíduo desenvolve-se cognitivamente e as suas percepções de realidade podem variar conforme as relações que estabelecem.

Já a pesquisa de Sardinha, Falcone e Ferreira (2009) obteve como resultados que a quantidade de filhos interfere negativa e significativamente na satisfação conjugal. Dessa forma, o número de filhos é relacionado à satisfação conjugal de forma negativa, abrindo-se a possibilidade de refletir o quanto tal variável poderia estar relacionada também à satisfação com a vida e à autoestima, uma vez que o contexto social, no caso, a vida conjugal, parece refletir na autoavaliação, amor próprio, autoconfiança e no respeito a si próprio. Tais considerações são importantes, uma vez que Loureiro (2012) aponta em sua pesquisa que a autoestima e autoeficácia parentais aumentam na mesma proporção.

Ferreira, Pinto e Neto (2012) tiveram por objetivo avaliar a percepção de religiosidade em portugueses, brasileiros, moçambicanos e angolanos. Os resultados apontam que os participantes que frequentam mais os locais religiosos possuem maior satisfação com a vida e menos solidão: os brasileiros apresentaram os maiores índices de participação em cultos e possuem maior bem-estar existencial. Além disso, uma pesquisa realizada com adolescentes de 15 a 18 anos apontou que a frequência constante em encontros religiosos estava associada ao bem-estar psicológico dos participantes, sendo que os que participavam semanalmente apresentaram maiores níveis de bem-estar psicológico do que os que o faziam de forma esporádica ou nunca. Dessa forma, o vínculo com a espiritualidade de forma semanal contribuiu para a satisfação com a vida dos participantes (SILVA et al., 2007).

A partir do exposto, o presente estudo objetivou investigar a relação entre a autoestima e a satisfação de vida, buscando identificar se o número de filhos está relacionado a essas variáveis. Além disso, pretendeu-se verificar se há diferença quanto à frequência à igreja, nível de escolaridade, sexo, tempo de casado e faixa etária.

## **1 METODOLOGIA**

### **1.1 PARTICIPANTES**

A amostra do presente estudo foi composta por 30 pessoas, com número igual de homens e mulheres casados, com idades entre 25 anos e 60 anos ( $M = 45,93$ ;  $DP = 11,507$ ). Dentre eles, 43,3% ( $n = 13$ ) possuem o Ensino Superior Completo; 33,3% ( $n = 10$ ) concluíram o Ensino Médio; 13,3% ( $n = 4$ ) não concluíram o Ensino Médio e 10% ( $n = 3$ ) são pós-graduados.

## 1.2 INSTRUMENTOS

Para realização desta pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- **Questionário sociodemográfico:** desenvolvido pelos autores da pesquisa para identificação dos participantes, bem como para a identificação de variáveis: sexo, idade, número de filhos, nível de escolaridade, tempo de casado e frequência à Igreja.
- **Escala de Autoestima de Rosenberg – EAR** (ROSENBERG, 1989): tem por objetivo avaliar a Autoestima dos respondentes. A escala foi adaptada para a realidade brasileira por Hutz em 2000. São 10 questões tipo Likert de 4 pontos, que abrangem satisfação pessoal, percepção de qualidades e competência, orgulho por si, autovalorização e autodepreciação, respeito e sentimento de fracasso, sendo que cinco itens avaliam aspectos positivos e os outros cinco aspectos negativos. A pontuação pode variar de 10 a 40 pontos: quanto maior a pontuação, maior será o nível de Autoestima do indivíduo (HUTZ; ZANON, 2011). Hutz e Zanon (2011) buscaram revisar as características psicométricas da EAR. Foi confirmada a solução unifatorial da escala e boa consistência interna ( $\alpha = 0,90$ ), além de ser verificada uma correlação negativa entre a autoestima e a idade dos participantes ( $r = -0,47$ ).
- **Escala de Satisfação de Vida – ESV** (GIACOMONI, 2002): tem por objetivo avaliar a satisfação de vida global em jovens e adultos, bem como em pessoas de terceira idade. Teve a sua adaptação no Brasil feita por Giacomoni e Hutz (1997 apud GIACOMONI, 2002). A escala é composta por cinco questões em escala tipo Likert, de 1 a 7, variando de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”, sendo que a amplitude de pontuação varia entre 5 (baixa satisfação) e 35 (alta satisfação). Esse instrumento foi utilizado no estudo por ser de rápida aplicação e também apresentar bons índices de confiabilidade e consistência interna. Inicialmente o estudo contava com 48 itens sobre a satisfação de vida, bem-estar e emoções positivas e negativas. Estudos apresentaram como solução uma estrutura unifatorial, somando-se 66% da variância da escala, o que aponta também bons índices de consistência e confiabilidade interna ( $\alpha = 0,82$ ).

## 1.3 PROCEDIMENTO

Com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAE: 38622714.4.0000.5514), as aplicações aconteceram após o agendamento e disponibilidade dos participantes. A aplicação foi realizada de forma coletiva, em pequenos grupos, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após esclarecimento de dúvidas, foi iniciado o processo da coleta de dados. Os instrumentos foram apresentados sempre na mesma sequência (Questionário Sociodemográfico, EAR e ESV). O tempo para o preenchimento dos instrumentos foi de 60 minutos aproximadamente.

## 2 RESULTADOS

Em relação ao tempo de casamento, constatou-se que o menor tempo de casado foi de cinco meses e o maior foi de 37 anos. Optou-se por dividir o grupo por períodos na variável tempo de casamento, sendo que 8 participantes estavam casados até 10 anos; dois indivíduos entre 11 e 20 anos; 12 pessoas entre 21 e 30 anos e 8 participantes estavam casados há mais de 31 anos.

Quanto ao item “Frequência à igreja”, a resposta mais frequente se deu na opção “semanalmente” (n = 23, 76,7%), seguido de “diariamente” (n=5, 16,7%) e “somente em ocasiões especiais” (n=2, 6,7%). As opções “não participa” e “mensalmente” não foram marcadas.

No tocante ao número total de filhos, a amostra ficou distribuída com frequências semelhantes. Participaram casais sem filhos e casais com até 7 filhos. Dessa forma, respondentes com nenhum filho, com seis e com sete apresentaram 6,7% da amostra cada (n = 2). O número de filhos mais frequente foi 2 (n = 8 / 26,7%), seguido de 1 e 3 filhos (n = 6 / 20%) e 4 filhos (n = 4 / 13,3%). Quanto ao sexo dos filhos, os respondentes que disseram ter no mínimo um filho têm mais meninas, 40% (n = 12), do que meninos, 33,3% (n = 10), enquanto os que responderam ter no mínimo 2 filhos têm mais meninos, 26,7% (n = 8), do que meninas, 6,7% (n = 2). Os respondentes que têm no mínimo três filhos apresentaram índices iguais de meninos e meninas, 13,3% (n=4), enquanto não foram registrados somente meninos entre os que têm no mínimo quatro filhos, mas meninas sim (n=4 / 13,3%).

Nos resultados das Escalas de Rosenberg e na ESV, os valores obtidos apontaram uma variação de 26 a 40 pontos na EAR (M= 33,23; DP= 4,099) e 21 a 35 pontos em ESV (M= 29,73; DP= 3,841).

Quanto ao sexo dos participantes, tanto na EAR quanto na ESV os resultados indicam que as mulheres apresentam médias maiores ( $M_{EA} = 34,13$ ,  $DP_{EA} = 4,77$ ; e  $M_{ESV} = 30,40$ ,  $DP_{ESV} = 3,29$ ) que os homens ( $M_{EA} = 32,33$ ,  $DP_{EA} = 3,20$ ; e  $M_{SV} = 29,07$ ,  $DP_{ESV} = 4,33$ ). Embora os resultados das médias apontem que as mulheres apresentam maiores índices na EAR e na Satisfação de Vida, o *test t* de Student não revelou diferença significativa para Autoestima ( $t [28] = 1,212$ ;  $p=0,236$ ) e Satisfação de Vida ( $t [28] = 0,949$ ;  $p=0,351$ ) em relação ao sexo.

Na TAB. 1 são apresentadas as estatísticas descritivas (mínimo, máximo, média e desvio padrão) considerando-se as variáveis idade, escolaridade, número de filhos, tempo de casamento e frequência à igreja, coletadas por meio do questionário sociodemográfico.

TABELA 1 – Estatísticas descritivas da EAR e da ESV

Continua

Idade								
Idade	EAR				ESV			
	Mín.	Máx.	M	DP	Mín.	Máx.	M	DP
25 a 34 anos	27	40	30,86	4,76	26	35	<b>33,43</b>	3,48
35 a 44 anos	29	37	30,25	3,46	29	33	32,00	1,89
45 a 54 anos	26	38	30,00	4,69	22	34	33,00	3,55
55 anos ou mais	28	40	28,64	3,90	21	35	33,73	4,82
Escolaridade								
Escolaridade	EAR				ESV			
	Mín.	Máx.	M	DP	Mín.	Máx.	M	DP
Pós-Graduação	29	37	34,33	4,66	29	34	30,67	4,13
Superior Completo	26	40	32,77	3,59	22	35	29,38	3,43
Ensino Médio Completo	28	38	33,30	4,50	23	35	30,30	5,44
Ensino Médio Incompleto	30	40	33,75	4,62	21	33	28,75	2,89

Número de filhos								
Número de filhos	EAR				ESV			
	Mín.	Máx.	M	DP	Mín.	Máx.	M	DP
0	27	37	32,00	7,07	28	29	28,50	0,71
1	26	37	32,33	4,46	23	35	30,00	4,69
2	28	38	32,88	3,40	21	35	29,75	4,10
3	28	40	33,50	4,68	29	35	31,33	2,50
4	29	40	33,25	4,79	28	33	30,75	2,63
6	35	39	37,00	2,83	22	30	26,00	5,66
7	30	38	34,00	5,66	22	32	27,00	7,07
Tempo de casamento								
Tempo de casamento	EAR				ESV			
	Mín.	Máx.	M	DP	Mín.	Máx.	M	DP
Até 10 anos	27	40	33,87	4,58	26	35	30,63	3,29
Entre 11 e 20 anos	29	31	30,00	1,41	29	33	31,00	2,83
Entre 21 e 30 anos	26	38	32,58	3,90	22	34	29,58	3,55
Entre 31 e 40 anos	28	40	34,38	4,34	21	35	28,75	5,18
Frequência à igreja								
Frequência à igreja	EAR				ESV			
	Mín.	Máx.	M	DP	Mín.	Máx.	M	DP
Em ocasiões especiais	31	37	34,00	4,24	26	32	29,00	4,24
Semanalmente	26	40	32,96	4,15	21	35	30,39	3,53
Diariamente	29	39	34,20	4,55	22	32	27,00	4,69

FONTE: A autora (2015;2016)

No que se refere à faixa etária dos participantes, notou-se que os mais velhos apresentaram maior autoestima, enquanto os mais novos apresentaram maior satisfação de vida. No entanto, a Análise de Variância (ANOVA) não indicou diferenças estatisticamente significativas para autoestima ( $F[3]= 0,172; p= 0,915$ ) e satisfação de vida ( $F[3]= 0,509; p= 680$ ) em relação à faixa etária dos participantes. Quanto à escolaridade dos participantes, os resultados apontaram, em ambas as escalas, escores médios mais elevados para os que tinham Pós-Graduação, porém a ANOVA não indicou diferenças estatisticamente significativas para autoestima ( $F[3]= 0,136; p= 0,938$ ) e satisfação de vida ( $F[3]= 0,235; p= 0,871$ ) em relação à escolaridade dos respondentes (TAB. 1).

Quando separados quanto ao número de filhos que tinham, os resultados da EAR indicam que os participantes com seis ou sete filhos apresentaram maiores médias, porém, a ANOVA não indicou diferença estatisticamente significativa ( $F[6]= 0,333; p=0,913$ ) para autoestima em relação à quantidade de filhos.

Além disso, na ESV, os índices mais elevados foram obtidos por participantes que têm três ou quatro filhos. No entanto, a ANOVA também não indicou diferença estatisticamente significativa ( $F [6] = 0,696; p = 0,655$ ) para satisfação de vida em relação ao número de filhos (TAB. 1).

Os participantes também foram separados pelo tempo de casamento. Nesse sentido, a autoestima dos participantes casados há mais tempo (entre 31 e 40 anos) foi a que apresentou maior média dentre os grupos ( $M = 34,38$ ). Em contrapartida, a média mais elevada quanto à satisfação de vida foi obtida pelos participantes casados entre 11 e 20 anos ( $M = 31,00$ ). Apesar das diferenças entre os grupos, a ANOVA não indicou diferenças estatisticamente significativas para autoestima ( $F[3] = 0,769; p = 0,522$ ) e satisfação de vida ( $F[3] = 371; p = 774$ ) em relação ao tempo de casamento dos participantes (TAB. 1).

Por fim, os participantes foram separados conforme a frequência à igreja. Os resultados demonstram que os participantes que frequentam a igreja diariamente apresentaram maiores índices de autoestima, ao passo que a satisfação de vida apresentou índices mais elevados nos participantes que frequentam a igreja semanalmente. A ANOVA não indicou diferenças estatisticamente significativas para autoestima ( $F[2] = 0,214; p = 0,809$ ) e satisfação de vida ( $F[2] = 1,721; p = 0,198$ ) em relação à frequência à igreja dos respondentes (TAB. 1).

A correlação de Pearson entre as escalas de autoestima e a de satisfação de vida não indicou associação significativa entre os instrumentos ( $r = 0,02; p = 0,898$ ).

### 3 DISCUSSÃO

Quanto ao sexo dos participantes, os resultados indicaram que as mulheres se percebem com mais autoestima e maior satisfação de vida do que os homens. Esses resultados parecem ser dissonantes em relação ao encontrado em outras pesquisas (ANTUNES, 2011; RODRIGUES et al., 2014; FAÇANHA et al., 2010; SANTOS; MAIA, 2003), afinal, em geral, tais estudos apontam que os homens apresentam maiores índices de autoestima e satisfação de vida do que as mulheres. Há que se considerar, nesse ponto, que algumas pesquisas foram realizadas com adolescentes, enquanto a amostra do presente estudo possui uma faixa etária mais elevada. É importante ressaltar que Sbicigo, Bandeira e Dell’Aglío (2010) e Hutz e Zanon (2011) consideram que a análise da autoestima deve ser contextualizada e cautelosa, uma vez que não existe consenso entre as diferenças de autoestima conforme o sexo. Acrescentado a isso, Martins et al. (2007) também não encontraram diferenças entre a qualidade de vida (de idosos) conforme o sexo ou local de habitação (rural ou urbano). Há de se refletir sobre a possibilidade de o alto índice de autoestima das participantes atrelar-se à satisfação com a vida e com a frequência em que vão a encontros religiosos.

Em relação à idade dos participantes, foi possível notar que o grupo com a menor faixa etária (entre 25 e 34 anos) apresentou os maiores escores médios em autoestima, porém a satisfação de vida foi maior nos participantes com 55 anos ou mais. Esses achados parecem caminhar na mesma direção dos resultados de Resende et al. (2007), já que esses autores encontraram alto grau de satisfação com a vida em 83% da amostra de 90 participantes (com idades entre 25 e 85 anos), sendo que os mais idosos se percebem mais satisfeitos com a vida do que os mais novos. Segundo os autores, isso se deve possivelmente ao fato de as gerações mais novas serem sempre mais exigentes que as mais velhas, fato que justificaria a diferença

encontrada (RESENDE et al., 2007). Além disso, a amostra está vinculada à espiritualidade, fator que pode ser uma forma de enfrentamento em pessoas com mais idade (SPOSITO et al., 2010). Por outro lado, Barros e Moreira (2015) não encontraram diferenças significativas quando se relaciona a idade dos participantes com a autoestima ou a satisfação de vida e Hutz e Zanon (2011) indicam que a autoestima tende a se tornar estável ao longo do tempo, sobretudo na vida adulta.

Quanto à escolaridade dos participantes, os resultados apontaram escores médios mais elevados para os que possuíam pós-graduação, tanto para autoestima como para satisfação de vida. Autores como Maçola, Vale e Carmona (2010) e Dias et al. (2008) encontraram resultados congruentes a este, visto que em seus estudos verificou-se que a autoestima aumentava na medida em que o nível de escolaridade era maior. Sabendo que alguns domínios podem ser fontes maiores de satisfação de vida do que outros, pode-se pensar na satisfação com o trabalho como uma questão importante para a vida como um todo. Nesse sentido, Souza, Rache e Sachuk (2013) apontam que a satisfação com o trabalho pode aumentar conforme a natureza das tarefas e o grau de escolaridade, ou seja, quanto maior o nível educacional do funcionário, maior a satisfação com a natureza de seu trabalho.

Ao lado disso, a autoestima foi maior para os casais com seis ou sete filhos, enquanto a maior média para a satisfação de vida foi obtida por casais com três ou quatro filhos. Essa diferença não foi estatisticamente significativa, mas indica a necessidade de se investigar melhor esse contexto a fim de identificar se essa variável contribui para a satisfação de vida ou autoestima dos pais.

No que se refere ao tempo de casamento, a maior média foi obtida pelos participantes com 31 e 40 anos de união quanto à autoestima e entre 11 e 20 anos quanto à satisfação de vida. Isso pode estar ligado à consideração de Ribeiro, Pinho e Falcone (2011): o tempo de casamento pode interferir de forma positiva em aspectos emocionais, afinal, a comunicação, o desejo de satisfazer o cônjuge, de compartilhar coisas boas, construir o casamento juntos, entre outros pontos, contribuem para que o casal seja mais feliz. Todavia, o fato de os participantes serem casados há um longo período não quer dizer que estejam satisfeitos ou felizes com o casamento. Dessa forma, é necessário refletir sobre como o tempo de casamento pode interferir na satisfação com a vida e na satisfação conjugal, mas isso parece depender mais das relações que se estabelecem entre os pares ao longo dos anos do que propriamente do tempo de casamento (RIBEIRO; PINHO; FALCONE, 2011).

A frequência semanal ou diária em encontros religiosos pode ser fonte de bem-estar psicológico (FERREIRA et al., 2012; SILVA et al., 2007), o que se relaciona aos resultados encontrados neste estudo quando se considerou a frequência à igreja, pois os participantes que relataram frequentá-la diariamente apresentaram os maiores índices de autoestima e os que a frequentam semanalmente as maiores médias em satisfação com a vida. Os resultados encontrados são semelhantes à pesquisa intercultural de Ferreira et al. (2014), na qual os participantes que frequentavam mais os locais religiosos apresentaram maior satisfação com a vida e menos solidão, sendo que os brasileiros apresentaram os maiores índices de participação em cultos e possuem maior bem-estar existencial. Boa parte da amostra (93,4%) do presente estudo participa de encontros religiosos de forma diária ou semanal, o que permite pensar que os resultados também são consonantes com os achados de Ferreira et al. (2012) e Silva et al. (2007). Além disso, Benute et al. (2011) apontam que fatores ligados à religião podem ser protetores contra comportamentos de ideação suicida, auxílio em situações de vulnerabilidade. Além disso, podem auxiliar no aumento da autoestima, fatos que parecem corroborar o resultado encontrado no presente estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível notar que o estudo apresentou resultados dissonantes da literatura científica, sobretudo no tocante à autoestima, na qual as mulheres obtiveram maiores índices comparadas aos homens. Nesse sentido, é necessário considerar aspectos que podem ter interferido nos resultados: a amostra do estudo era pequena e bastante homogênea. Além disso, não foi considerado o fato de os participantes coabitarem ou não com os filhos, a fim de se explorar se os filhos podem interferir de forma negativa nas relações emocionais dos componentes da família e no estabelecimento de vínculos, como aponta a literatura (GONÇALVES, 2009). Sendo assim, o estudo apresenta uma lacuna por não ter comparado grupos que coabitam ou não com os filhos.

A renda familiar também não foi considerada e esse aspecto também poderia ter sido incluído nas variáveis sociodemográficas, uma vez que podem existir diferenças na satisfação de vida conforme as pessoas são mais favorecidas economicamente, fator que pode interferir na auto percepção dos sujeitos, ou seja, em sua autoestima (MARTINS et al., 2007). Há que se considerar, além disso, que existem poucos estudos que consideram a questão da autoestima em relação ao número de filhos. Assim, o presente estudo pôde contribuir com a reflexão da temática na área da Psicologia, uma vez que os estudos encontrados sobre a autoestima referem-se a processos pré e pós-operatórios (contexto hospitalar/área da medicina) ou em grupos de idosos (fisiologia, atividades físicas). Nesse sentido, estudos correlacionando a autoestima e a satisfação de vida e o número de filhos precisam ser mais bem explorados, uma vez que a literatura científica considera, em sua maioria, a satisfação conjugal, mas ainda não se tem claro como os filhos poderiam interferir na autoestima dos pais.

Em estudos futuros, com amostras maiores e mais heterogêneas, pode-se refletir a relação entre o sexo dos pais e o sexo dos filhos: “as filhas ou os filhos contribuiriam mais para os pais ou as mães serem mais satisfeitos?” e “esperar a criança de um sexo e ser de sexo diferente interfere na autoestima e satisfação com a vida?” são questões que poderiam ser investigadas. Além disso, obviamente é necessário refletir em estudos futuros sobre aspectos que envolvam a vida dos filhos, não somente a quantidade destes, por exemplo, a relação da qualidade entre pais e filhos, as práticas educativas utilizadas pelo casal.

Atualmente a população mundial tem diminuído e a autoestima elevada dos casais com seis e sete filhos pode fazer refletir sobre quais questões sociais, psicológicas e biológicas tem levado as pessoas a não quererem ter filhos, uma vez que, mesmo que a adaptação seja difícil, estes estão associados a sentimentos positivos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. **Evolução Diferencial da Autoestima e do Autoconceito Acadêmico na Adolescência**. 2006. 557 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2006.
- ANTUNES, G.; MAZO, G. Z.; BALBÉ, G. P. Relação da autoestima entre a percepção de saúde e aspectos sociodemográficos de idosos praticantes de exercício físico. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 4, p. 583-589, 2011.
- ARAÚJO, L.; SÁ, E. C. N.; AMARAL, E. B. Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 468-481, jul./set. 2011.
- BARBOSA, L. Afinal, o que querem as mulheres? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 33-46, jan./jun. 2011.
- BARROS, R. M.; MOREIRA, A. S. Desemprego, autoestima e satisfação com a vida: estudo exploratório realizado em Portugal com beneficiários do Rendimento Social de Inserção. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 146-156, jan./jun. 2015.
- BENUTE, G. R. G. et al. Risco de suicídio em gestantes de alto risco: um estudo exploratório. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 57, n. 5, p. 583-587, set./out. 2011.
- COSTA, L. S. M.; PEREIRA, C. A. A. Bem-estar subjetivo: aspectos conceituais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 1, p. 72-80, jan./jun. 2007.
- DIAS, J. P. B. M. **A Satisfação conjugal, a Depressão e a Sexualidade na Terceira Idade**. 2009. 64 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2009.
- DIAS, C. M. S. B.; TRÓCCOLI, B. T. Locus de controle materno, satisfação com a vida e relacionamento com o filho adolescente. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 15, n. 3, p. 209-218, set./dez. 1999.
- DIAS, M. S. et al. Autoestima e fatores associados em gestantes da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 12, p. 2787-2797, dez. 2008.
- FAÇANHA, J. D. N. et al. Prevenção do suicídio em adolescentes: programa de intervenção Believe. **Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas (SMAD)**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2010.
- FERREIRA, A. V.; PINTO, M. C.; NETO, F. Religiosidade e bem-estar em estudantes portugueses, brasileiros, moçambicanos e angolanos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CONTRIBUTOS DA PSICOLOGIA EM CONTEXTOS EDUCATIVOS, 12., 2008, Braga. Braga: Universidade do Minho, 2012. p. 1580-1591.
- FERREIRA, L. A. P. et al. Estresse em casais inférteis. **Reprodução & Climatério**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 88-92, set./dez. 2014.
- FONSECA, C. C. et al. Autoestima e satisfação corporal em idosas praticantes e não praticantes de atividades corporais. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 3, p. 429-439, jul./set. 2014.
- GIACOMONI, C. H. **Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação**. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- \_\_\_\_\_. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas em Psicologia da SBP**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 43-50, jan./jun. 2004.
- GONÇALVES, A. C. C. G. **O sentido de comunidade, o suporte social percebido e a satisfação com a vida**. 64 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Portugal, 2009.
- HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 10, n. 1, p. 41-49, set./dez. 2011.
- JOIA, L. C.; RUIZ, T.; DONALISIO, M. R. Condições associadas com o grau de satisfação com a vida entre a população de idosos. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 131-138, nov./dez. 2007.

- KROB, A. D.; PICCININI, C. A.; SILVA, M. R. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 269-291, abr./jun. 2009.
- LOUREIRO, K. K. C. C. **Autoeficácia e autoestima parentais e rendimento escolar dos filhos**. 85f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da educação) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2012.
- MARCÃO, A. M. G. **Dimensões da conjugalidade e as relações com as diferenças de sexo e de nível de escolaridade** 51f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2008.
- MAÇOLA, L.; VALE, I. N.; CARMONA, E. V. Avaliação da Autoestima de gestantes com uso da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 570-577, jul./set. 2010.
- MARTINS, C. R. et al. Avaliação da qualidade de vida subjetiva dos idosos: uma comparação entre os residentes em cidades rurais e urbanas. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, n. 1, p. 135-154, jan./jun. 2007.
- MIRANDA, E. S. Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e de percepção interpessoal. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 96-107, jul./set. 1987.
- RAMOS, M. M.; CANAVARRO, M. C. Adaptação parenta ao nascimento de um filho: comparação da reactividade emocional e psicossomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 25, n. 3, p. 399-413, jul./set. 2007.
- RESENDE, M. C. et al. Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. **Ciências e cognição**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 164-177, jan./dez. 2007.
- RIBEIRO, C. M.; PINHO, V. D.; FALCONE, E. M. O. A influência da raiva e da empatia sobre a satisfação conjugal. **Aletheia**, Canoas, n. 35-36, p. 35-36, dez. 2011.
- RODRIGUES, A. L. et al. Percepção de preconceito e autoestima entre adolescentes em contexto familiar e em situação de acolhimento institucional. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 389-407, maio/ago. 2014.
- ROSENBERG, M. **Conceiving the self**. Florida: Kruger Publishing Company, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Society and the adolescent self-image**. Middletown: Wesleyan University Press, 1989.
- SANTOS, P. J.; MAIA, J. Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, Braga, v. 8, n. 2, p. 253-268, jul./dez. 2003.
- SARDINHA, A.; FALCONE, E. M. O.; FERREIRA, M. C. As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 395-402, jul./set. 2009.
- SBICIGO, J. B.; LISBÔA, C. S. M. Habilidades sociais e satisfação conjugal: um estudo correlacional. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 395-403, jul./dez. 2010.
- SBICIGO, J. B.; BANDEIRA, D. R.; DELL'AGLIO, D. D. Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. **Psico-USF**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 395-403, set./dez. 2010.
- SILVA, R. A. et al. Bem-estar psicológico e adolescência: fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1113-1118, maio. 2007.
- SOUZA, I. D. S.; RACHE, P. M.; SACHUK, M. I. O comprometimento organizacional e a satisfação no trabalho em funcionários de um hospital da cidade de Umuarama – PR. **Qu@litas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v. 14, n. 1, p. 1-9, jan./jul. 2013.
- SPOSITO, G. et al. Relações entre bem-estar subjetivo e mobilidade e independência funcional por função de grupos de faixas etárias e gêneros em idosos. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 103-108, jul./set. 2010.